

SUBSÍDIOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO RELIGIOSO



Informativo da ASSINTEC n° 40

LINGUAGENS SAGRADAS Arte sagrada, textos orais e escritos



Imagem adaptada de: <https://www.pinterest.com/pin/219128338089259811/>

O conteúdo Linguagens Sagradas no Ensino Religioso contempla a apresentação do Sagrado através do Fenômeno Religioso em suas múltiplas formas de representação. Por meio deste conteúdo, os textos orais e escritos, as esculturas, as pinturas, os gestos, as danças, a música, os cantos, enfim as mais diversas manifestações artísticas são desenvolvidas em sala de aula de tal forma que a arte religiosa passa a ser uma das formas mais lúdicas de se trabalhar com os estudantes desde a tenra idade, sendo uma das possibilidades de se compreender a diversidade do Sagrado. (Elói Corrêa)

NESTA EDIÇÃO

| | |
|------------------------------------|----|
| LINGUAGENS SAGRADAS..... | 02 |
| CONTEÚDO: LINGUAGENS SAGRADAS..... | 04 |
| SUBSÍDIOS PEDAGÓGICOS..... | 06 |
| INFORMAÇÕES GERAIS..... | 20 |

LINGUAGENS SAGRADAS

Emerli Schlögl

A arte, entre as suas muitas funções, também esteve e está marcadamente presente no contexto da expressão simbólica de diferentes religiões do mundo. O ser criativo e o ser religioso se encontram na fibra da materialização do imaginário. Conforme Ricoeur a metáfora é a linguagem da religião, e os símbolos religiosos resultam do pensamento metafórico transformado em palavra, gesto, imagem, sabor, cheiro e tato. A arte e a religião trafegam na mesma via, a via da poesia e da subjetividade.

Desde as pinturas rupestres até a construção de grandes mesquitas, a arte aparece como suporte para o sentimento e para a experiência do divino. Michelangelo Buonarroti, ao pintar a Capela Sistina, já intencionava que sua arte se pusesse a serviço da experiência mística do encontro do humano com o divino. Pessoas poderiam ler suas pinturas (mesmo que iletradas) e a partir desta leitura encontrar nelas beleza, esperança e coragem para enfrentar a vida, abraçados pela crença em um Deus de bondade e justiça.

Os povos das florestas inundados pela exuberância de cores e formas da natureza, que é o seu templo ao mesmo tempo que seu berço e sustento, posicionam ritualmente seu corpo em participação mística com toda a energia da vida. Ao se pintarem com a padronagem da onça, do girino, etc., evocam assim, a força do animal em seus para fluir em seus próprios corpos. Pela magia do ritual, materializada na pintura, despertam em si poderosas energias emocionais oriunda de sua psicologia humana/animal mais profunda.

Esses povos também dançam em profunda conexão com estas mesmas forças. A dança como maneira artística de contato com o divino acontece em diferentes tradições. Podemos lembrar da dança clássica indiana que teve sua origem nos templos e que só bem mais tarde se estendeu até os palcos.

Para os hinduístas Shiva Nataraja (Senhor da Dança) oferece à humanidade o conhecimento da dança sagrada que se desenha no espaço ao ritmo da marcação do tempo (que é o nascedouro e morredouro de todas as formas de vida) o drama da existência material/espiritual.

Shiva também é conhecido como Deus da morte, e portanto Deus da dança, pois o que é a dança se não o movimento que nasce e morre a cada segundo no tempo e no espaço. Para que cada novo movimento surja é preciso que o anterior desapareça. A vida/morte são assim alinhavadas e sacralizadas no próprio corpo do dançarino e da dançarina enquanto realizam sua performance.

Os povos das florestas dançam, não poderia ser diferente, dada a sua profunda conexão com a vida. Existe um bailado em tudo aquilo que vive, desde a larva se arrastando sobre o chão até os tornados gigantes que rodopiam fazendo o bailado do maior “arrastão” possível de se ver. Os povos indígenas dançam e neste movimento reafirmam as energias da vida e do espírito da vida. A dança do indígena é também uma forma de manter os pés no chão, o fogo nas veias, a cabeça ventilada e as mãos entrelaçadas à outras mãos.

Nos terreiros são as próprias forças da natureza, que personificadas nos encantados, se movem ritmicamente pelo espaço espalhando seus benefícios para a comunidade durante o ritual. Ao dançar, ao som dos atabaques, cada orixá possui sua expressão rítmica, seu gestual e também sua energia intelectual/emocional que contagia as pessoas presentes levando-as a um outro estado de consciência, que podemos chamar aqui de consciência religiosa, que remete o fiel a um estado alterado de consciência.

Do corpo artístico nasce também o teatro que é amplamente utilizado como forma de transmissão de valores religiosos e narrativas mitológicas, entre outros textos. Impossível deixar de lembrar o drama grego que marcou profundamente a psicologia científica do ocidente.

De onde veio o conceito de complexo de Édipo senão do drama escrito por Sófocles e encenado no teatro grego? Os Deuses Gregos se tornavam próximos, até mesmo palpáveis,

por meio da performática dos atores.

Quem já não assistiu a um Auto de Natal¹? No cristianismo é muito comum a encenação dentro e fora das igrejas, como mais uma forma de evangelização popular.

A arquitetura do sagrado é mais uma das expressões da arte aliançada à religião. Existe uma relação estreita entre tipo de telhados, pisos, formas de colunas e a interpretações do sagrado feitas por cada tradição religiosa. Se o universo divino não pode ser compreendido por meio de palavras, sendo sempre um enigma para os seres humanos, a arte ao menos fornece uma forma de aproximação. “A obra de arte alivia o homem de tudo o que não pode cumprir, realizar de outra maneira, quer por razões morais, quer por obstáculos puramente materiais” (HUYGE, p. 28, 1986). Com isto, se pretende afirmar que as lacunas do desejo de perfeição, bondade e beleza, que são inspirações de cunho religioso também são inspirações da arte. Por meio da arte uma fagulha do que é utópico se materializa neste mundo real. A arte pode propiciar um espaço atemporal de êxtase, inscreve na psicologia profunda de mulheres e homens uma experiência de bem estar e de paz de espírito que insuflam ânimo na vida cotidiana.

A música, outra modalidade de arte, é amplamente utilizada no meio religioso. Diz o ditado popular que “quem canta seus males espanta”, e analisando o dito vemos que realmente o canto coletivo propicia um exercício respiratório que beneficia o corpo e a mente dos cantantes. O ato de cantar leva a pessoa a fazer uma respiração mais profunda e controlada, além de dar voz aos seus sentimentos, mobilizando emoções que de outro modo permaneceriam caladas dentro de si.

Ouvir uma música também exerce o poder de gerar campos psicológicos coletivos de unidade e de prazer. A música comunica algo para além do seu texto (quando cantada), oferece ao ouvinte a oportunidade de unir sentimento e pensamento, tornando-os força concentrada e motivadora de suas ações. A música instrumental também libera nos ouvintes e executantes uma parcela de energia pessoal que poderá ser utilizada na vida cotidiana, inspirando ações e sentimento de segurança por pertencer a uma realidade espiritual que transcende à provisoriedade material, característica básica de todos os mortais.

As crianças, principalmente, encontram na sua comunidade religiosa uma parcela significativa de sentidos, uma vez que sua percepção do espaço por meio da visão, do tato, do olfato, da audição e da gustação são muito pronunciados, até bem mais do que no adulto que por hábito já embotou um pouco suas capacidades de perceber o mundo plenamente por meio de seus sentidos.

Imaginemos como a criança sente o universo da espiritualidade cada vez que vai até seu local de práticas religiosas. Ainda há quem se lembre do sabor da primeira hóstia, do som dos atabaques repercutindo em todo o corpo, dos vitrais em múltiplas imagens, de cenas teatrais marcantes, da sensação dos pés tocando o piso sagrado enquanto sapatos e chinelos descansam fora do templo, do cheiro dos incensos e das velas, e também da voz dos velhos e velhas, moças, moços e crianças cantando juntos como forma de oração.

Todos estes elementos marcam profundamente a formação religiosa dos sujeitos, quer de modo consciente ou inconsciente. A arte sagrada modela ao mesmo tempo em que é modelada pela vontade religiosa das pessoas. Portanto, é muito útil estudá-la a fim de compreender como fazem e vivem a religião essas mulheres, homens e crianças do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Joachim. Dança clássica indiana: história, evolução, estilos. Curitiba: Edição do autor, 2008.
HUYGHE, René. Sentido e destino da arte (1). São Paulo: Martin Fontes Editora Ltda, 1986.
RICOEUR, Paul. Hermenêutica e ideologias. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
SCHLÖGL, Emerli. Confirmação simbólica das espacialidades arquetípicas femininas: um estudo das comunidades Bahá'ís de Curitiba e região. Paraná. Tese de doutorado. UFPR, 2012.

¹ Auto (do latim *actu* = ação, ato) é uma composição teatral do subgênero da literatura dramática, [surgida na idade média na Espanha, por volta do século XII. De linguagem simples e extensão curta (normalmente, compõe-se de um único ato), os autos, em sua maioria, têm elementos cômicos ou intenção moralizadora. Suas personagens simbolizam as virtudes, os pecados, ou representam anjos, demônios e santos. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Auto>

Conteúdo: Linguagens Sagradas

Elizabeth Cristina Carassai
(SME Curitiba)

Entendemos LINGUAGEM como um sistema instituído pela humanidade para expressar ideias, não se limitando apenas a expressão oral. Analisando a etimologia da palavra, encontramos definições diversas, mas que em sua maioria, explicitam um movimento expressivo, seja ele oral, gestual, pictórico, simbólico, sentimental. Quando trabalhamos o conteúdo *Linguagens Sagradas* em nosso plano curricular, estamos nos referindo a uma possibilidade de análise do fenômeno religioso expresso de formas diferentes, mas cujo objetivo é a compreensão da relação do indivíduo com o sagrado, seja ele transcendente ou imanente. Para organizar a abordagem didática, o conteúdo *Linguagens Sagradas* se subdivide em *Arte Sagrada* e *Textos orais e Escritos*. Na abordagem do conteúdo *Arte Sagrada*, trazemos para a sala de aula desenhos, gravuras, imagens arquitetônicas, pinturas, esculturas, música, dança, fotografia, mandalas, mosaicos, tapeçaria entre outras criações artísticas, desde que as mesmas estejam intimamente relacionadas ao fenômeno religioso. Para ser trabalhado nas aulas como objeto de estudo do fenômeno religioso, a produção artística não pode ser apenas uma representação estética, mas deve ter o objetivo de manifestar uma expressão religiosa, de auxiliar o indivíduo a se conectar com a espiritualidade. Nesta análise é o sentido que damos a obra artística, que além de contemplativa, promove o estreitamento do mundo físico e o mundo espiritual, lembrando que essa análise é acadêmica e distanciada, sem o intuito de realizar uma prática religiosa com os(as) estudantes.

A seguir, veja dois exemplos da arte ligada ao fenômeno religioso:

Vitrais



Imagem 1

10.set.2014 - Belíssimos vitrais, pinturas detalhadas e simetria da arquitetura caracterizam os templos de culto no Irã. O estudante de física iraniano Mohammad Domiri, 23, quis desvendar os encantos dos lugares sagrados de culto no Oriente Médio. Passeando por algumas mesquitas iranianas, ele registrou imagens de rara beleza, como a da vista panorâmica dessa de Nasir al-Mulk em Shiraz *Mohammad Domiri/Caters New Agency*



Imagem 2

Escultura

(...) No pátio da aldeia promotora do rito, cada falecido homenageado é representado por uma seção de tronco de cerca de dois metros. São de uma espécie vegetal que tem distintas denominações conforme as diferentes línguas xinguanas. Os Kamaiurá a chamam de Kwarup, a mesma madeira com que o herói mítico fez as mulheres que enviou para se casarem com o jaguar. Os troncos são colocados um ao lado do outro, de pé, embutidos em buracos de 50 cm de fundo. São pintados e ornamentados com adornos plumários e cintos masculinos. A única distinção entre os troncos que representam homens e os que representam mulheres é que os primeiros são guarnecidos com mechas de algodão não fiado. Também os homens comuns falecidos têm direito a ser representados por troncos, porém menos grossos e com ornamentação mais simples. Os espíritos dos mortos homenageados ficam junto aos troncos na última noite do rito e a isto se reduz a sua participação.



Imagem 3

Imagens dos Orixás



Arquivo pessoal: Curso O Currículo do Ensino Religioso nos Espaços Sagrados – 2015 - Terreiro Ilé Ase Loogun Ede e Oya.

SUBSÍDIOS PEDAGÓGICOS

6º ano ou de acordo com a realidade de cada unidade educativa.

A obra de arte chamada Brasil

Só as lentes da multiculturalidade permitem desvendar e contemplar a imagem profunda e real da sociedade brasileira que, revelando a distância uma majestosa estética, atrai o olhar para admiração pormenorizada da inesgotável variedade de diferenças entre as pequenas partículas que a compõem. Talvez uma das definições mais inspiradoras do Brasil seja o termo mosaico, no que se refere às maravilhas naturais, aos processos históricos que o formaram e continuamente o transformam; e ainda à diversidade de suas etnias, culturas, expressões de arte e tradições religiosas.

A palavra “mosaico” deriva do verbo grego *mousóo*, que significa fazer obras de arte, instruir conforme as regras da arte. A figura que aprece e encanta é resultado de uma ação paciente, demorada, formada por mínimos e incontáveis detalhes e matizes, digna das musas gregas inspiradoras de todos os conhecimentos e de todas as formas de beleza e arte.

Os primeiros registros arqueológicos de mosaicos datam dos séculos 4º e 3º a. E. C. (antes da Era Comum ou Era Cristã). As técnicas e as matérias primas foram se sucedendo, desde as pedrinhas arredondadas colhidas na praia e usadas na decoração de pavimentos dos palácios da Ilha de Creta até as minúsculas pastilhas de cerâmica coloridas artesanalmente pelos artistas que decoraram grandes templos na Mesopotâmia. Com o passar dos séculos, a técnica se aprimorou a ponto de os construtores e decoradores gregos e romanos a usarem nos edifícios públicos, nos templos e nas residências particulares, até por volta do século 3º. Os motivos, de modo geral, versavam sobre a mitologia, a religião, a natureza e as cenas cotidianas da época.

Em meados do século 4º, a arte mosaica deu um salto, com as escolas de iconografia cristã de Bizâncio, capital do Império Romano do Oriente, mais tarde chamada Constantinopla e agora Istambul. Naquela região, as primeiras basílicas foram revestidas artesanalmente de minúsculas pastilhas multicores e douradas, muitas delas fragmentos de ouro, formando as imagens mais tarde chamadas “pinturas eternas”, devido à beleza e durabilidade. Essencialmente religioso, o mosaico bizantino uniu a arte e o mistério, ao formar, sob a luz do sol vinda de aberturas estratégicas nas cúpulas das basílicas, um misto de penumbra e irradiação luminosa ao redor de cenas bíblicas iconográficas. A segunda grande mudança na arte mosaica atribuída a uma nova influência religiosa ocorreu a partir do século 7º, com a ascensão do islamismo e das mesquitas revestidas de pinturas minuciosamente geométricas, capazes de criar um maravilhoso efeito visual semelhante ao do mosaico. Desde esse período a pintura passou a figurar na decoração dos espaços sagrados, ficando o trabalhoso mosaico artesanal de pastilhas esquecido pelos artistas até meados do século 17, quando a fabricação de esmalte vitrificado colorido fez renascer a arte em forma de miniaturas incrustadas sobre objetos pequenos, como vasos, porta-joias e móveis. Recentemente, as técnicas antigas foram redescobertas graças ao estudo dos grandiosos mosaicos romanos conservados nas cidades de Pompeia e Herculano, que estiveram soterradas por quase 2 mil anos sob a cinza e a lava do vulcão Vesúvio, na Itália.

(Texto retirado da Revista Diálogo – Revista de Ensino Religioso, Fevereiro/Abril de 2011, pág. 52 à 54).

Atividades:

- Realizar uma roda de conversa com os estudantes, com os seguintes disparadores:

* O Brasil pode ser considerado um mosaico de culturas e religiões?

* O processo de construção do mosaico pode ser comparado à formação do povo brasileiro?

* Que exemplos reais podem ser associados ao título do texto?

- Dividir os estudantes em grupos e pedir que representem com desenhos, símbolos das quatro matrizes religiosas: Africana, Indígena, Ocidental e Oriental (uma matriz para cada grupo, por exemplo).

- A professora pode pedir que um aluno desenhe ou ela mesma pode levar para a sala de aula o contorno do mapa do Brasil, em tamanho grande.

- Na silhueta do mapa do Brasil, colar as figuras desenhadas pelos estudantes, construindo um mosaico da diversidade religiosa.

(Proposta adaptada da Revista Diálogo–Revista de Ensino Religioso, Fevereiro/Abril de 2011, pág. 54 e 55).

Na abordagem do conteúdo Textos Sagrados Orais e Escritos, precisamos considerar as formas expressivas de transmissão dos ensinamentos religiosos de cada organização religiosa.

Os textos sagrados em algumas organizações são considerados revelados, onde a vontade divina se faz conhecer aos seres humanos. Cada organização religiosa os têm, e seus ensinamentos são referenciais de fé e fundamento das normas de conduta para os seus seguidores.

Há organizações de texto escrito, onde o processo de produção dos mesmos, ocorreu ao longo da história, em diferentes contextos culturais e geográficos. Inicialmente, alguns destes textos, eram transmitidos oralmente, e depois de um tempo mais ou menos longo, foram escritos e elegidos, passando a constituir o cânon ou o conjunto das escrituras sagradas.

Outras organizações expressam-se de forma oral, mantendo a vivacidade dos ensinamentos. A maioria dos textos são repassados de geração em geração pela memorização e tecem relações com situações cotidianas.

Os textos sagrados expressam mensagens e neste aspecto eles podem ser escritos, desenhados, pintados, falados, dançados, enfim, podem ser transmitidos por meio de várias formas comunicantes do significado religioso. Conhecer as diferentes linguagens simbólicas que constituem as culturas religiosas e suas tradições, possibilita a (re)leitura dos textos sagrados e seus mitos.

A linguagem mítico-simbólica encontra-se nos textos sagrados de diversas tradições. Por meio desta linguagem metafórica busca-se explicar realidades além da categoria racional. Segundo Mircea Eliade (1992), todo rito, todo mito, toda crença ou figura divina reflete a experiência do sagrado. O sagrado é um elemento presente na estrutura da consciência humana.

O texto religioso, vivido nos rituais, comunica-se constantemente pelo uso dos mais diferentes tipos de linguagem. Ele aponta para significados e explicações das coisas do mundo, para as experiências humanas, e para a dimensão espiritual vivida individual e comunitariamente. Assim, o texto sagrado contribui para a reconstrução dos indivíduos e dos espaços. Por meio dos comunicantes dos textos sagrados, os seres humanos sentem-se em contato com a dimensão do sagrado, e podem, também, se sentir conduzidos e inspirados por poderes divinos.

(Texto adaptado da Apostila do curso de Introdução ao Ensino Religioso – Subsídios do 3º dia – ASSINTEC/SME de Curitiba/2010, escrito por Emerli Schlögl).

Os textos sagrados podem ser transmitidos de forma:

Oral:



Imagem 4



Imagem 5

Pictórica:

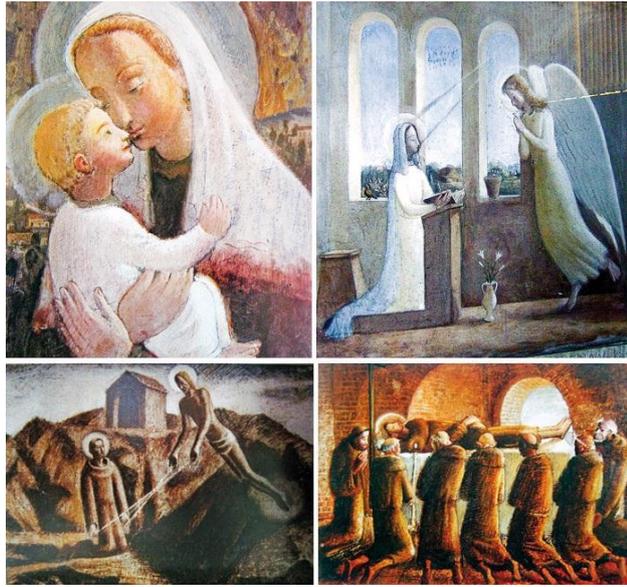


Imagem 6

Escrita:

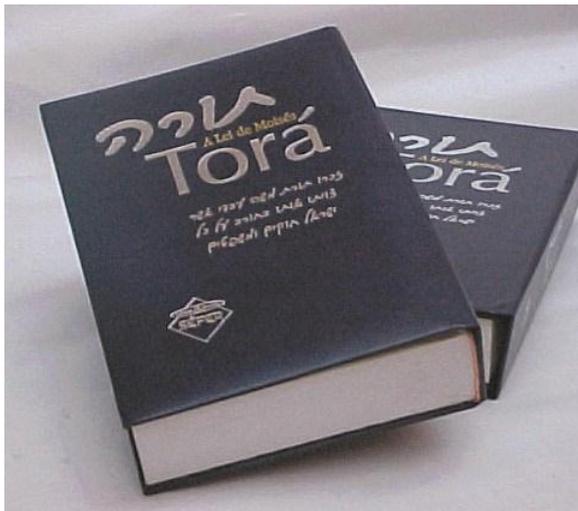


Imagem 7

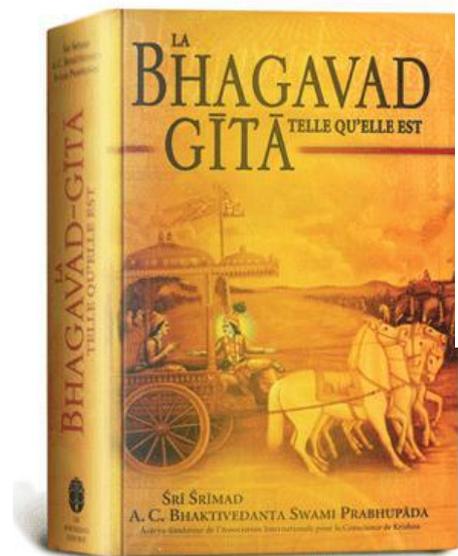


Imagem 8:



Acervo pessoal: Curso – O Currículo do Ensino Religioso nos Espaços Sagrados - 2015 Sinagoga Beit Yaacov

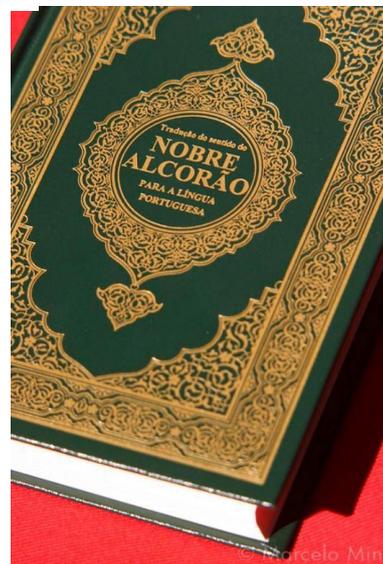


Imagem 9

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

6º ano ou de acordo com a realidade de cada unidade educativa.

Roraima, o monte que chora

Os Macuxi, um dos oitos povos indígenas do estado de Roraima, contam que antigamente aquela região era cheia de igapós, e todas as tribos viviam com fartura de caça, pesca e frutos.

A banana era desconhecida naquele lugar e foi grande a surpresa de pessoas e animais quando uma linda bananeira cresceu na planície e logo produziu um grande cacho dourado e atraente.

Os pajés se reuniram e compreenderam que a bananeira pertencia a Paaba, o deus criador. Chamaram-na paruru e preveniram todas as tribos de que era permitido comer qualquer fruto da terra, menos o da planta sagrada. Durante muito tempo, os índios respeitaram a ordem dos pajés e a região mais parecia um paraíso: todos viviam em paz porque não era preciso disputar o alimento. Em certa manhã, porém, para espanto geral, a paruru apareceu sem seu cacho. Todos se perguntavam quem fizera aquilo, mas, antes de descobrirem, o chão se moveu, os céus tremeram em trovões e os animais da terra e do ar fugiram para longe.

O dilúvio inundou tudo e um monte imenso brotou das águas e subiu até as nuvens. Foi assim que apareceu o majestoso monte Roraima. Desde então, através dos tempos, ele lamenta o fim do paraíso e verte lágrimas das pedras, das fissuras e das ravinas. Todos os dias, Paaba cobre com suas nuvens o topo do monte que chora.

(Texto retirado da Revista Diálogo – Revista de Ensino Religioso, Fevereiro/Abril de 2011, pág. 60 e 61).



Imagem 10

Obs: Este é um exemplo da inter-relação do conteúdo Linguagens Sagradas (Textos orais e escritos) e Lugar Sagrado.

Sequência didática:

- Ler o texto com os alunos.
- Levá-los ao laboratório de informática para realizar uma pesquisa sobre a cultura do povo Macuxi, analisando: região de concentração, origem do povo, língua falada, religiosidade, função de homens e mulheres, entre outros. A professora poderá separar a turma em grupos para pesquisar cada um dos itens.
- Realizar uma roda de conversa para socializar as informações adquiridas
- Na sequência, conduzir as discussões com os seguintes disparadores:
 - * Analisando o texto *Roraima, o monte que chora*, de que forma as orientações foram repassadas pelo Pajé para a comunidade?
 - * Qual o nome dado ao *Deus criador*?
 - * Que outros nomes de *Deus criador* vocês já ouviram falar?
 - * Vocês conhecem algum outro relato semelhante a esse mito? Contem-nos.
 - * Vocês reconhecem algum elemento simbólico descrito no texto?

Atividade individual:

- * Se você pudesse transformar em uma frase o ensinamento principal do Pajé, como seria essa frase?
 - Construir uma réplica do monte com argila, massinha ou sucata e expô-la juntamente com as frases escritas pelos estudantes, coladas em um cartaz.
- Para dar continuidade ao trabalho com as demais matrizes religiosas (Africana, Oriental e Ocidental), a professora poderá entregar tiras de papel com ensinamentos retirados dos textos sagrados de diversas religiões, para serem dramatizadas pelos grupos.

Referências:

- CURITIBA, Secretaria Municipal da Educação. Currículo do Ensino Fundamental. Versão Preliminar. 2016.
- DIÁLOGO: REVISTA DE ENSINO RELIGIOSO. São Paulo: Edições Paulinas, Ano XII, n. 61, fevereiro/abril. 2011.
- SCHLÖGL, Emerli. Apostila do curso Introdução ao Ensino Religioso – Subsídios do 3º dia, ASSINTEC/SME de Curitiba, 2010.

ATIVIDADES SUGERIDAS:

A) Texto para reflexão:

UM ESCULTOR E ARQUITETO DO CRISTIANISMO

Vou lhes contar a história de um grande artista brasileiro, ele era um artista que fazia entalhes e esculturas sobre temas religiosos, portanto ele fazia a arte sacra. Nasceu em Minas Gerais ainda no tempo em que havia a escravidão de negros no Brasil, tanto que sua mãe Isabel era uma africana escravizada e Manoel, seu pai, um português mestre de obras (arquiteto). Nasceu ainda quando o Brasil era uma colônia de Portugal. Aprendeu muito da arquitetura com seu pai e de escultura com seu tio.

Trabalhou na arte sacra, ou seja, ele esculpiu temas religiosos, cristãos. Você já imagina quem é ele? Seu nome é Antônio Francisco Lisboa, também conhecido como “Aleijadinho”, ganhou este apelido na época em que, lamentavelmente, ainda não se falava em bullying (violência física e psicológica). Este apelido surgiu quando ele já era um homem maduro, por conta de uma doença que foi entortando seus membros. Antônio chegou até mesmo a perder alguns dedos. Mas, ele gostava tanto de seu trabalho como artista que nem assim, doente, ele parava de trabalhar. Pedia que amarrassem o cinzel e o martelo em sua mão para poder trabalhar nas esculturas, e

trabalhava escondido para não se expor aos olhares das pessoas.

Sua arte é conhecida e apreciada por pessoas do mundo todo que vem até Minas Gerais conhecer sua cidade, Ouro Preto, e apreciar suas obras de arte. Ele morreu em 1818 com setenta e seis anos de idade. Deixou seu nome marcado na história por causa de beleza de sua criação artística, mostrou para todos que mesmo com grandes dificuldades é possível fazer muito e realizar-se plenamente por meio de algo que se ame fazer, no caso dele, a arte sacra.

<http://www.dancacircular.com.br/oque.asp>



Veja a Igreja de São Francisco de Assis, arquitetada por ele em 1766.

A imagem que segue é da escultura do Profeta Ozéias, em uma foto de Pedro Ângelo.



Procure em livros e internet outras obras deste artista, escolha uma e descreva como você a percebe. Sugestão de roteiro para a descrição de sua percepção:

1. Nome da obra?
2. O que ou quem representa?
3. Quais sentimentos desperta em você?
4. O que mais chama a sua atenção nesta obra?
5. A obra agrada a você ou não agrada. Por quê?
6. Você conhece alguma escultura de Buda ou de divindades hinduístas? Vamos procurar uma e compartilhar a imagem com a turma?

Agora peça para a sua professora de Artes lhe contar um sobre como se faz uma escultura e quais são os instrumentos necessários.

Fontes consultadas:

<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/11/conheca-um-pouco-da-historia-de-mestre-aleijadinho.html>

<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-moderna/aleijadinho.htm>

B) RIR E DANÇAR : SAGRADO OU PROFANO?

Um filósofo alemão disse uma vez que só acreditaria em um Deus que não soubesse dançar. Será que a dança é sagrada? Há rituais religiosos nos quais se pode dançar? O que você sabe sobre isto?

Após a classe discutir livremente sobre esta questão sugerimos que a professora ou professor mostre um vídeo para seus alunos e alunas.

<https://www.youtube.com/watch?v=Sm3nP2eMOPM>

Este vídeo é um trecho do filme "Encontro com homens notáveis", que trata da busca espiritual de um homem chamado Gurdjieff. Este homem, na vida real, foi um grande mestre espiritual que nasceu na Armênia e viajou por muitos lugares do mundo em busca do autoconhecimento. Foi responsável por trazer ao ocidente uma nova forma de trabalho religioso/psicológico, tendo criado uma metodologia para o desenvolvimento da consciência de si mesmo. Esta metodologia não se limita ao trabalho com a palavra e o pensamento, mas inclui variadas danças sagradas que ele aprendeu com os dervixes, que são os praticantes da religião conhecida como Sufismo, derivada do Islamismo.

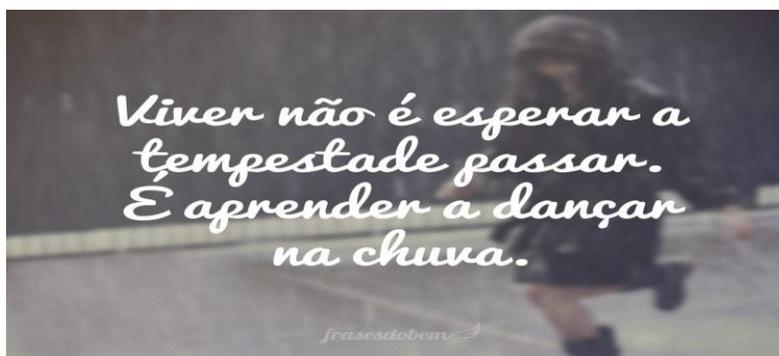
Ao observar o vídeo vocês poderão perceber como o trabalho com a dança pode ser útil ao trabalho espiritual de seus praticantes, conforme a crença de cada um.

Podemos aproveitar o momento para estudar um pouco da dança indígena, da dança dos orixás, da dança clássica indiana. O que vocês acham da ideia?

A professora ou o professor podem trazer novos vídeos para a sala de aula, abordando outras formas de danças sagradas e depois disto fazer uma dança circular com as crianças. Lembrando que a dança circular não é do pertencimento de nenhuma tradição religiosa em especial, mas um trabalho sobre músicas folclóricas, entre outras, visando o desenvolvimento do sentimento de união do grupo.

Entenda mais sobre o significado das danças circulares no site: <http://www.dancacircular.com.br/oque.asp>

Para este trabalho sugerimos que a professora ou professor grave um cd com músicas curtas, contendo uma música indígena, uma africana, uma ocidental e uma oriental. Depois crie movimentos simples (com os alunos e alunas) para cada uma delas, o importante é que a dança seja sempre realizada em círculo.



Fonte da imagem e pensamento: www.frasesdobem.com.br

O mito religioso é a expressão verbal do mistério, este guarda e ao mesmo tempo revela conhecimentos sagrados. O mito é essencialmente simbólico e cumpre a tarefa de enviar mensagens que atingem os planos conscientes e inconscientes dos seres humanos. O mito organiza entendimentos de mundo e fornece os aportes necessários para significar a vida e conduzi-la conforme um plano, muitas vezes, considerado divino. Os mitos também favorecem o fortalecimento dos laços de uma comunidade, pois oportuniza que as pessoas “comunguem de uma mesma cosmovisão” e também unifica o grupo despertando sentimentos e desejos compartilhados por todos. Assim, os mitos atuam profundamente tanto no indivíduo quanto no grupo.

Fonte: <http://www.gper.com.br/noticias/69e732154e07c4fcd30d78f9c7d1cda0.pdf>

Conteúdo: Linguagens Sagradas

- Mito
- Textos orais e escritos

As atividades poderão ser adaptadas de acordo com os objetivos e critérios do 1º ao 5º anos

Mito africano:

Como surgiram as ondas do mar



<http://www.mensagenscomamor.com/frases-para-iemanja>

Iemanjá havia sido brindada, no começo dos tempos, com o governo dos mares. Sua alegria não conheceu limites quando entrou na posse do seu azulado e ilimitado império.

— Tudo azuladinho! Tudo limpinho!

De fato, naqueles primeiros dias, a deusa dos mares percorria alegremente os seus refrescantes domínios.

Ela sentia os peixes encostando em seu corpo, fazendo cócegas. Todos os seres que compõem o universo marítimo rendia-lhe simpática vassalagem, incluindo os tubarões e demais criaturas de sua família de predadores, que não ousavam sequer encostar uma barbatana na soberana mares.

Mas o que a agradava mesmo era a limpeza. Como gostava de subir aos céus nas costas de um golfinho – o mais alto possível! “eia, amigo, para cima, para cima!” – e observar, quase das nuvens, o grande piso anil do mar, sem uma única ruguinha ou sujeirinha!

Assim estiveram as coisas até que, num certo dia, começou a acontecer uma coisa que antes não aconteceria: a poluição dos mares.

— Que manchinha é aquela lá em cima? – disse ela, num final radioso de dia, a cavalgar o dorso brilhante do seu golfinho nas profundezas do mar.

Obediente à sua ama, o peixe agitou as suas barbatanas e cauda, imprimindo uma velocidade vertiginosa ao seu corpo. Iemanjá, inclinada para frente como o jóquei, agarrava-se ao dorso do animal, curiosíssima de saber o que se passava lá em cima.

Logo a deusa estava à tona, tomando nas mãos algo.

— Isto não é daqui! – disse ela, pois conhecia toda e qualquer cacaca dos habitantes do mar.

Com o passar do tempo, a sujeira aumentou, como papel e resíduos artificiais.

Furiosa com aquela invasão, Iemanjá subiu até o céu para pedir explicações a

Olorum, que, segundo uma lenda, a ajudara a criar o mundo.

___ De onde vem toda esta imundice? – disse ela, inconformada.

___ Das novas e turbulentas criaturas que criei para habitarem a parte seca do Aiê.

Não demorou nada para a deusa do mar descobrir que se tratava dos homens.

___ E com que direito estas criaturas relaxadas se metem a jogar suas porcarias para dentro dos meus domínios? – esbravejou a deusa. – Veja em que estado está meu vestido!

Realmente, o vestido antes imaculado azul da deusa apresentava agora manchas de um tom marrom.

___ Lave-o, ora! Água é o que não falta no seu império – disse o deus supremo.

___ Água imunda! – disse ela, esquecendo-se das vestes, - Veja só o estado que está!

Iemanjá levou, então, o deus supremo para um ligeiro “tour” aéreo sobre os mares. Do alto puderam ver grandes crostas e sobrenadaram nas águas.

___ Ora, são apenas algumas ilhotas que se formaram! – Disse Olorum, sem querer enxergar a verdade.

___ Não são ilhotas, coisa nenhuma: é pura imundície!

Os dois desceram e Olorum constatou que as ilhotas não passavam, de fato, de lixo acumulado.

___ Diga às suas criaturas de barro que parem de emporcalhar meus domínios! – intimou a deusa.

Olorum até que lhes disse que parassem, mas não sabe que advertir os homens e não adverti-los é tudo o mesmo? A emporcalhação continuou. Todo santo dia, homens e mulheres iam à beira da praia arremessar às águas, outrora azuis os seus dejetos e sobras.

Então, a paciência de Iemanjá conheceu o seu fim.

___ Agora chega!

Tomando nas mãos seu leque de prata chamado abebé, Iemanjá começou a agitá-lo com tamanha fúria nas profundezas do mar que logo um grande redemoinho se formou, empurrando grandes massas de água para os lados. Dali a pouco, não houve uma única praia que não tivesse recebido, nos braços de gigantescas ondas, todo o seu lixo de volta.

E desde este dia, as ondas não pararam mais de regurgitar de volta para a terra toda a sujeira que os seres humanos, a despeito do castigo, teimaram em continuar a lançar dentro do mar.

Adaptado de: Franchini, A.S., 1964 – As melhores histórias da mitologia africana/A.S. Franchini & Carmem Seganfredo – Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2008.

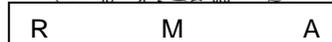
As atividades deverão ser adaptadas de acordo com o ano.

1- Para este mito o/a professor/a poderá realizar uma dramatização com os estudantes;

2 – Mostrar a imagem de Iemanjá, entregar uma imagem para colorir, solicitando que os mesmos façam a representação do mito através da inferência de elementos:

3 – Entregar as **letras** que compõe a palavra M A R e montar com os estudantes;

4 – Fazer uma pesquisa do que existe no mar e montar um painel, mostrando que Iemanjá cuida de tudo e todos que estão no mar.



Mito indígena:

A lenda do dia e da noite (Rui de Oliveira)

No princípio do mundo, não havia noite nem lua. Apenas o sol brilhava triste e solitário.

Em sua imaginação, o sol criava as quatro fases da lua, e ficava triste ao vê-las lentamente desaparecerem.

Olhando eternamente o sol, todos lamentavam não existir a noite e, por este motivo, os animais não conseguiam dormir.

Corria a lenda entre os índios² Karajás de que a noite vivia prisioneira dentro de um coco de tucumã, guardado no mais fundo dos rios pela Boiúna, a grande serpente.

Naquela época, aconteceu o casamento de Tuilá, filha da Boiúna, com o índio³ Aruanã.

Certa vez, Aruanã disse à sua mulher Tuilá estar muito sonolento, mas que não conseguia dormir, pois não havia noite. Com pena do marido, a índia resolveu enfrentar aquele mistério, e daí seguiu por um caminho secreto que só ela e sua mãe, a Boiúna, conheciam.

Para encontrar a noite, era preciso que a índia⁴ invocasse a sua mãe com um chocalho mágico, guardado pelo peixe jaraqui no fundo do igarapé.

Tuilá entregou finalmente o chocalho mágico a Aruanã. Misteriosamente apareceu o sapo Arutsã, que logo alertou o índio⁵ a jamais abrir o coco sem a ajuda de sua mulher.

E, assim, o índio⁶ partiu à procura da noite, numa longa viagem ao desconhecido.

A fim de ajudar Aruanã, o jacaré Arurá disse-lhe que a casa da Boiúna ficava logo abaixo da primeira arara vermelha que ele avistasse no céu. Agradecido, o índio⁷ seguiu viagem.

Ao perceber a arara vermelha no céu, Aruanã sacudiu o chocalho na esperança de chamar a grande serpente.

Ao chegar perto, Boiúna, a grande serpente, disse para o valente índio⁸ que já sabia o que ele procurava, e que por isso trouxera do fundo do rio o coco de tucumã, a ser aberto apenas na presença de sua filha Tuilá.

- Mas tenha cuidado! Jamais tente abrir sozinho este coco. Resista às tentações! - Advertiu novamente a grande serpente.

- Eu o fechei com cera de abelha.

- E, se ele for aberto longe da minha filha Tuilá, todas as coisas se perderão.

Aruanã partiu então de volta para a aldeia.



<https://www.youtube.com/watch?v=v4LERka3bOY>

² Os termos índio e índia são considerados na atualidade termo indevidos além de pejorativos, porém aqui se mantém o texto original conforma a autoria: Rui de Oliveira

³ Ibidem;

⁴ Ibidem;

⁵ Ibidem;

⁶ Ibidem;

⁷ Ibidem;

⁸ Ibidem;

Em meio a longa viagem, o índio ouviu um estranho ruído dentro do coco, despertando a sua curiosidade. Mas nisso, surgiu uma voz do alto de um galho. Era o pássaro Anu-guassu que o advertia:

- Não esqueça o que falou a grande serpente. Se você abrir o coco, tudo se perderá. Temeroso, o índio⁹ continuou sua viagem de volta.

Tomado novamente de forte curiosidade, Aruanã quis abrir o coco, mas foi mais uma vez alertado, agora pelo peixe Jaraqui:

- Cuidado! Tuilá entregou-lhe o chocalho em confiança. Se você abrir o coco, tudo se perderá, e você se perderá também.

Apesar de tantos conselhos, o índio¹⁰ não resistiu à curiosidade e foi à margem do rio fazer uma fogueira, a fim de derreter a resina que vedava o coco.

Ao abrir o coco, tudo se transformou em noite. A natureza mergulhou na mais profunda escuridão e logo foi povoada pelos terríveis habitantes das trevas.

Em plena escuridão, Aruanã seguiu tristemente sua viagem de volta, arrependido por não ouvir tantos conselhos e ter causado a noite eterna. E retornou à aldeia, com vergonha de encontrar a sua mulher.

Finalmente, Aruanã encontrou Tuilá e lhe devolveu o chocalho mágico. A índia¹¹, mais uma vez com pena do marido - o perdoou e disse-lhe:

- Não se preocupe. Das trevas eu irei criar o dia e a noite. De um lado terá o luminoso Sol, e do outro, a Lua e as Estrelas.

Ao chegar a um pequeno riacho, Tuilá fez do barro um boneco em forma de pássaro, e disse:

- Tu serás o Cajubi, o pássaro que anunciará a separação eterna do dia e da noite.

E logo as trevas tornaram-se noites, e dela surgiu a luz. Os dois enamorados, Aruanã e Tuilá, sob a proteção da noite e das estrelas, puderam então se encontrar, dormir e ter muitos filhos. E, assim, a tribo dos Karajás começou a ser povoada.

1 - Para a criação do dia e dia noite foi necessário que se tocasse o chocalho e fosse até o Igarapé. Ilustre o que seriam esses termos:

2 – O/A professor/a entregará em papel Kraft ou carmim o desenho de um coco aberto e os estudantes ilustrarão o que aconteceu no caderno.

3 – Dividindo a sala em grupos solicitar que os estudantes ou com a sua família façam um cartaz contando o que cada um faz no seu dia-a-dia no período do dia e da noite: (esta atividade pode ser realizada em sala ou como atividade de casa)

| DIA | NOITE |
|-----|-------|
| | |

4 – Cada um confeccionará o seu passarinho e juntamente com os desenhos produzidos da atividade anterior confeccionarão um painel.

⁹ Os termos índio e índia são considerados na atualidade termo indevidos além de pejorativos, porém aqui se mantém o texto original conforma a autoria: Rui de Oliveira

¹⁰ Ibidem;

¹¹ Ibidem;

Mito oriental:

Lenda da flor de lótus no Hinduísmo

Na Índia, uma pequena lenda conta a história de sua criação: Um dia, reuniram-se para uma conversa, à beira de um lago tranquilo cercado por belas árvores e coloridas flores, quatro lendários irmãos. Eram eles o Fogo, a Terra, a Água e o Ar.

Como eram raras as oportunidades de estarem todos juntos, comentavam como haviam se tornado presos a seus ofícios, com pouco tempo livre para encontros familiares. Mas a Água lembrou aos irmãos que estavam cumprindo a lei divina, e este era um trabalho que deveria lhes trazer o maior dos prazeres.

Assim, aproveitaram o momento para confraternizar e contar, uns aos outros, o que haviam construído – e destruído – durante o tempo em que não se viam. Estavam todos muito contentes por servirem à criação e poderem dar sua contribuição à vida, trabalhando em belas e úteis formas.

Então se lembraram de como o homem estava sendo ingrato. Construído ele próprio pelo esforço destes irmãos, não dava o devido valor à vida. Os irmãos chegaram a pensar em castigar o homem severamente, deixando de ajudá-lo. Mas, por fim, preferiram pensar em coisas boas e alegres.

Antes de se despedir, decidiram deixar uma recordação ao planeta deste encontro. Queriam criar algo que trouxesse em sua essência a contribuição de cada um dos elementos, combinados com harmonia e beleza. Sentados à beira do lago, vendo suas próprias imagens refletidas, cada um deu sua sugestão e muitas ideias foram trocadas. Até que um deles sugeriu que usassem o próprio lago como origem.

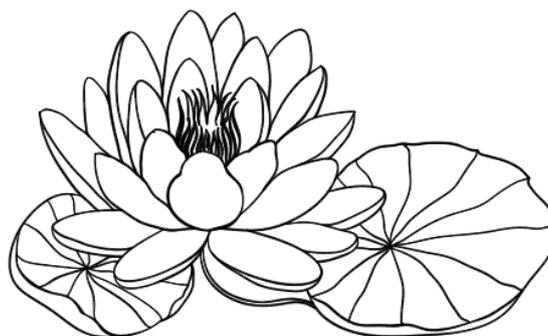
Que tal um ser vivo que surgisse da água e se crescesse em direção ao céu? Uma vegetal, talvez? Decidiram-se, então, por uma planta que tivesse suas raízes rente à terra, crescesse pela água e chegasse à plenitude do ar. Ofereceram, cada um, o seu próprio dom. A Terra disse: “darei o melhor de mim para alimentar suas raízes”.

A Água foi a próxima: “Fornecerei a linfa que corre em meus seios, para trazer-lhe força para o crescimento de sua haste”. “E eu lhe cercarei com minhas melhores brisas, dando-lhe minha energia e atraindo sua flor”, disse o Ar. Então o Fogo, para finalizar o projeto, escolheu o que de melhor tinha a oferecer: “ofereço o meu calor, através do sol, trazendo-lhe a beleza das cores e o impulso do desabrochar”.

Juntos, puseram-se a trabalhar, detalhe a detalhe, na sua criação conjunta. Quando finalizaram sua obra, puderam se despedir em alegria, deixando sobre o lago a beleza da flor que se abria para o sol nascente. Assim, em vez de punir o ser humano, os quatro irmãos deixaram-lhe uma lembrança da pureza da criação e da perfeição que o homem pode um dia alcançar.

Fonte: <http://www.japaoemfoco.com/a-lenda-da-flor-de-lotus/>

- 1 – Recortar ou desenhar os quatro elementos e a Flor de Lótus, pedir para que cada estudante represente este elemento, para dramatizar o mito;
- 2 – Mostrar as diferentes cores e seus significados;
- 3 – Montar um quebra-cabeça da flor e entregar para que os estudantes montem e colemb no caderno;
- 4 – Explicar que a Flor de Lótus é o símbolo onde muitas divindades do Hinduísmo aparecem “sentadas” sobre ela.



http://cdn2.colorir.com/desenhos/pintar/flor-de-lotus_2.png

Mito ocidental:

Narrativa bíblica da criação:

Primeiro dia da criação: Figuras da Terra deserta e vazia, figuras da Terra recebendo Luz e figuras do Dia e da Noite.

Segundo dia da criação: Uma figura do firmamento azul.

Terceiro dia da criação: Figuras da Terra com os continentes e mares. E também outras figuras com diversidade de vegetação com árvores, arbustos, flores, grama e plantas rasteiras.

Quarto dia da criação: Figuras com o Sol, Lua e Estrelas.

Quinto dia da criação: Figuras com seres vivos marítimos e aves.

Sexto dia: Figuras de animais grandes e pequenos e o ser humano (Adão).

Sétimo dia – dia do descanso: Figura que represente repouso e tranquilidade da natureza.

Fonte: <http://www.gper.com.br/noticias/69e732154e07c4fcd30d78f9c7d1cda0.pdf>

Ou poderá mostra para os estudantes o seguinte vídeo:



<https://www.youtube.com/watch?v=tJclxN6sRL4>

- 1 – Conversar com os estudantes sobre como tudo aconteceu.
- 2 – Em que Texto Sagrado é narrado este mito?
- 3 – Lembrar as outras formas de criação do mundo e ver se há algo em comum entre elas.

Como atividade complementar todos os estudantes serão divididos em 4 grupos e cada grupo irá ilustrar e poderá apresentar para o outro grupo ou confeccionar uma grande cartaz para exposição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Joachim. Dança clássica indiana: história, evolução, estilos. Curitiba: Edição do autor, 2008.
- HUYGHE, René. Sentido e destino da arte (1). São Paulo: Martin Fontes Editora Ltda, 1986.
- RICOEUR, Paul. Hermeneutica e ideologias, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- SCHLÖGL, Emerli. Confirmação simbólica das espacialidades arquetípicas femininas: um estudo das comunidades Bahá'ís de Curitiba e região. Paraná. Tese de doutorado. UFPR, 2012.
- Imagem 1: <http://noticias.uol.com.br/album/bbc/2014/09/10/fotografo-registra-beleza-caleidoscopica-demesquitas-iranianas.htm>
- Imagem 2: <http://www.elo7.com.br/porta-incenso-namaste/dp/47AA02?selectedWebCode=B0E762>
- Imagem 3: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xingu/1548>
- Imagem 4: <http://ileasesango.blogspot.com.br/>
- Imagem 5: Arquivo ASSINTEC
- Imagem 6: <http://www.cruesp.sp.gov.br/?p=3641>
- Imagem 7: <http://judaismonomundo.blogspot.com.br/>
- Imagem 8: <http://religareblogs.blogspot.com.br/2011/08/livros-sagrados-e-textos-sagrados.html>
- Imagem 9: <http://profkarinensinoreligioso.blogspot.com.br/2015/09/livros-sagrados-atividades.html>
- Imagem 10: https://www.google.com.br/search?q=monte+Roraima&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiNvJqZpbHLAhVGUJAKHRoQAigQ_AUIBygB&biw=1600&bih=775#imgrc=8fNpmbLB9_3cVM%3A

INFORMAÇÕES GERAIS:

SME DE CURITIBA

VI COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS NO ENSINO RELIGIOSO DE CURITIBA (Seminário do DEF). Data: 23/11/2016

SEMED DE PINHAIS

III COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS NO ENSINO RELIGIOSO DE PINHAIS – Data: 30/11/2016

SEED/DEB

• LIVRO DE ENSINO RELIGIOSO: DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA: a Secretaria de Estado da Educação do Paraná disponibiliza o livro em pdf na página disciplinar do Portal da Educação:

<http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1271>

"A força que mora na água não faz distinção de cor."

Festa do ROSÁRIO

20 DE NOVEMBRO

9:30 Culto Inter-religioso e Lavação das escadarias da Igreja do Rosário dos homens pretos de São Benedito

11h Cortejo até o Pelourinho de Curitiba e Ganeleiras Sagradas (Ireko)

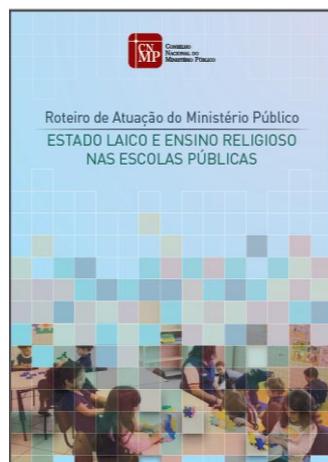
14h a 18h "Vozes do sagrado: música sacra de diversas religiões" e encerramento com show no palco frente à Catedral

VENHA DE BRANCO!
Traga quartinhas, Flores e Alegria!

Programação Completa em:
informativo.centroculturalhamaita.wordpress.com

Amigos da Lavação

Fique de olho!



Disponível em:
http://www.cnpm.mp.br/portal_2015/images/Publicacoes/documentos/roteiro_atuacao_ensino_religioso_nas_escolas_publicas.pdf

20 DE NOVEMBRO

Eventos em comemoração à
Semana da Consciência Negra em Curitiba



Lavação das Escadarias



Vozes do Sagrado

MEMBROS DA DIRETORIA

Carlos Alberto Chiquim – Presidente
Sylvio Fausto Gil Filho – 1º Vice-presidente
Jorge Schieferdecker – 2º Vice-presidente
Gustavo Roberto de Sá Pereira – 1º Secretário
Gamal Fouad El Oumairi - 2º Secretário
Dourival Braz Simões – 1º Tesoureiro
Simone Correia Neves – 2º Tesoureira

EQUIPE PEDAGÓGICA

Adriana Mello Gaertner Fernandes
Brígida Karina Liechocki Nogueira da Silva
Elói Corrêa dos Santos
Valmir Biaca



2º Semestre de 2016

Rua dos Funcionários, 1323 - Cabral
CEP: 80035-050 – Curitiba PR - Fone: 0 XX 41 3251-6542
E-mail: assintecpr@yahoo.com.br



Curta nossa página no Facebook



Site da ASSINTEC: www.assintec.org



Assista: ASSINTEC no YouTube